

Bakhtin desmascarado
Reação às críticas à obra

Jean-Paul Bronckart & Cristian Bota
Universidade de Genebra

Tradução: Marcos Bagno
Universidade de Brasília

A difusão de nossa obra *Bakhtine démasqué* (Droz, 2011) e das duas traduções atualmente publicadas¹ tem suscitado, até agora, cerca de vinte resenhas (cf. as referências na bibliografia), que vão do ataque virulento à expressão de aprovação e de reconhecimento, passando por textos que combinam reprimendas e homenagens moderadas ou que consistem de resumos factuais.

Neste artigo, reagiremos sobretudo às diversas recriminações que nos foram dirigidas, mas, antes de apresentar essas reações, nos parece útil evocar as circunstâncias que nos levaram a realizar o trabalho de pesquisa que se concluiu neste livro, recordar as três grandes questões às quais tentamos trazer respostas, e reformular as conclusões que tiramos de nossos trabalhos acerca do estatuto e da importância da concepção dos textos/discursos que foi elaborada na URSS nos anos 1920/1930.

1. Gênese de nossas interrogações e de nossa pesquisa

Nós dois, Jean-Paul Bronckart e Cristian Bulea (doravante JPB e CB), trabalhamos no domínio das ciências da linguagem, no quadro de um grupo de pesquisa criado e coordenado por JPB na Universidade de Genebra, grupo que tem produzido trabalhos de epistemologia, de psicologia da linguagem e de didática de línguas, numa perspectiva interacionista essencialmente inspirada na obra de Vygotski (cf. Schneuwly & Bronckart, 1985; Bronckart & Friedrich, 1999).

Desde o final dos anos 1970, JPB e seus colaboradores da época têm desenvolvido uma abordagem da organização dos textos, influenciada primeiramente pela linguística enunciativa (de Benveniste e de Culioli), mas que em seguida encontrou sua fonte de inspiração maior nas obras atribuídas a Bakhtin: *Marxismo e filosofia da linguagem* (publicado em francês em 1977, doravante *Marxismo*) e *Estética da criação verbal* (publicado em francês em 1984), assim como os textos russos traduzidos em *Le principe dialogique* (1981) de Todorov. Os conceitos, propostas e teses desenvolvidas nesses escritos pareceram de tamanha importância que o grupo instituiu, de 1985 a 1987, um seminário consagrado à obra de Bakhtin. Esse seminário confirmou o profundo interesse dos conceitos de dialogismo, de atitude responsiva ativa, de intertextualidade etc., assim como a fecundidade da renovação da concepção dos gêneros textuais e da metodologia de sua análise; mas os participantes do seminário também se aperceberam de que alguns textos bakhtinianos (*O autor e o herói*, por exemplo) pareciam inspirados num quadro teórico muito diferente do que sustentava o *Marxismo*, e que a síntese elaborada

¹ Tradução brasileira, *Bakhtin desmascarado*, São Paulo, Parábola, 2012. Tradução espanhola, *Bajtín desenmascarado*, Madrid, Machado, 2013.

por Todorov em *Le principe dialogique* parecia artificial ou excessiva em diversos pontos. Tais reservas, contudo, não maculavam de forma alguma a admiração que o grupo dedicava a Bakhtin e a sua obra, como atestam as análises, comentários e empréstimos, sempre eminentemente positivos, apresentados em numerosos textos dos anos 1980 [entre os quais *Pour une psychologie du langage* (Schneuwly & Bronckart, 1983); *Le fonctionnement des discours* (Bronckart et al., 1985); *Interaction, discours, signification* (Bronckart, 1987)] e em diversos textos dos anos 1990 [o capítulo central de *Atividade de linguagem, textos e discursos* (Bronckart, tradução brasileira, 1999) é introduzido por uma longa citação de Bakhtin e comporta múltiplas referências positivas a este único autor]. Como muitos outros na época, tínhamos ficado intrigados pela questão da autoria efetiva de *Marxismo*, mas sem compreender muita coisa dela e sem lhe atribuir demasiada importância; como muitos outros ainda, imaginávamos Volochinov e Medvedev ou como metafóricos fantasmas, ou como obscuros discípulos aos quais o mestre oferecera assinar vários de seus próprios textos. E isso porque tínhamos confiança então nos diagnósticos dos especialistas da área, como, por exemplo, o proposto por Aucouturier no *Prefácio* à edição francesa de *Estética e teoria do romance*:

[...] o primeiro escrito conhecido de Bakhtin [...] completa e ilumina três outros livros publicados em 1927 e 1929 sob a assinatura de V. Volochinov (*O freudismo e Marxismo e filosofia da linguagem*) mas que, hoje, lhe são geralmente atribuídos: independentemente mesmo da problemática que lhes é comum, o estilo, com seu rigor demonstrativo, sua precisão e seu vigor imagético no manejo dos termos abstratos, bastaria para confirmar a paternidade de Bakhtin. **Temos aí o exemplo bastante raro de um sábio que aceita o anonimato, sacrificando sua notoriedade pessoal para a difusão de sua obra**² (1978, pp. 10-11).

Nossa atitude a esse respeito, no entanto, se transformou progressivamente na virada do século, sob o efeito de três fatores. Primeiramente, verificamos que no espaço cultural de língua alemã, a reatribuição de *Marxismo* a Bakhtin jamais tinha sido avalizada e que a obra, portanto, era publicada sob o nome de Volochinov; e tomamos conhecimento, na ocasião, dos artigos de resistência a essa substituição, particularmente os publicados por Titunik (1984; 1986). Em seguida, tivemos diversas interações com a unidade de eslavística da Universidade de Lausanne, cujo diretor, Patrick Sériot, empreendera com Inna Tylkowska-Ageeva a retradução de *Marxismo*³, e consultamos igualmente os numerosos escritos dos pesquisadores do *Bakhtin Center* de Sheffield: a despeito de algumas diferenças de apreciação, todos esses trabalhos restituíam a Volochinov e a Medvedev a autoria dos textos que eles tinham assinado e lhes restituíam, assim fazendo, um estatuto de pesquisadores qualificados e autônomos, bem mais produtivos, em vida, que Bakhtin. Mas o fator decisivo de nossa conversão foi a publicação em francês de *Para uma filosofia do ato* [*Pour une philosophie de l'acte*] (2003), obra que, segundo o *Prefácio* de Bocharov, reúne fragmentos de textos redigidos por Bakhtin de 1921 a 1924-25. Antes de tudo, a leitura do texto mesmo acentuou nossa perplexidade, de tal modo sua orientação religiosa e fenomenológica parecia em oposição frontal

² No conjunto de citações neste artigo, os negritos são de nossa responsabilidade.

³ Esse longo caminho de traduções levou à publicação de uma obra bilíngue, tendo como autor somente Valentin Nikolaevitch Volochinov, com o título *Marxisme et philosophie du langage* (Lambert-Lucas, 2010).

não somente com a de *Marxismo* e dos outros textos dos anos 1920 assinados por Volochinov e Medvedev, mas também com alguns dos textos tardios assinados por Bakhtin como *Os gêneros do discurso* ou *Do discurso romanesco*, já que a crítica da literatura que ali propunha o jovem Bakhtin era, pela natureza mesma dos argumentos mobilizados, fundamentalmente monológica. Mas nossa perplexidade se transformou em espanto diante da acolhida entusiasta dada a esse texto por alguns colegas, aliás vygotskianos, que conseguiam identificar naquele escrito as premissas de uma abordagem interacionista social da atividade literária e, mais geralmente, das atividades humanas. Nos pareceu então que um raciocínio muito estranho explicava esse tipo de reação: “já que o texto é de Bakhtin, é necessariamente genial e, já que é de Bakhtin, prefigura também necessariamente as teses desenvolvidas nestes textos imponentes que são o *Marxismo* ou *Os gêneros do discurso*”.

2. Questões de partida, múltiplas surpresas e uma escrita colérica

Esse reexame da situação nos levou a publicar um primeiro artigo (Bota & Bronckart, 2008), sustentando que as posições de Bakhtin e de Volochinov/Medvedev sobre o estatuto dos gêneros textuais eram radicalmente opostas e denunciando os empréstimos “mascarados” ao *Marxismo* de Volochinov que abundam nos escritos tardios de Bakhtin (sendo que este não cita *nunca*, nem sequer evoca, em seus próprios escritos, os trabalhos de Volochinov ou de Medvedev). Esse artigo nos valeu críticas rudes, às vezes acompanhadas, da parte de alguns colegas nossos, de ameaças simbólicas; fenômeno que, em vez de nos fazer calar, nos levou a prosseguir nosso trabalho e a tentar encontrar elementos de resposta às três ordens de questões a seguir.

A primeira, evidentemente, diz respeito ao problema dos textos qualificados de “disputados”, ou seja, textos que teriam sido assinados por Volochinov e Medvedev no momento da publicação, mas cuja paternidade efetiva Bakhtin posteriormente reivindicou. Para esclarecer essa situação, precisávamos, por um lado, reunir todas as informações disponíveis sobre a carreira dos três personagens e sobre suas relações eventuais de 1920 a 1936/1938⁴ e, por outro lado, encontrar as informações que permitissem compreender quando, como e por que Bakhtin se esforçara em atribuir a si a paternidade dos textos assinados por seus dois “amigos” desaparecidos nesse ínterim.

A segunda questão tinha a ver com a identificação da posição real (ou específica) de Bakhtin; quais são as relações entre os textos que ele redigira nos anos 1920 (mas que só foram publicados bem mais tarde: *Para uma filosofia do ato*, *O autor e o herói*, *O problema do conteúdo*) e, de um lado, o *Dostoiévski* de 1930, do outro os demais textos que o autor teria redigido de 1935 a 1960? Como explicar as duas tonalidades opostas desses escritos do mesmo autor, e quais foram os eventuais comentários de Bakhtin (e/ou de seus próximos) a esse respeito?

A terceira questão, enfim, dizia respeito à história da recepção, na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos, do teor do conjunto do *corpus* de textos atinentes; e nesse quadro se tratava igualmente de examinar os argumentos oferecidos por

⁴ 1936 e 1938 são as datas de falecimento respectivas de Volochinov e de Medvedev.

Bakhtin e/ou por seus promotores para justificar a substituição de autores, assim como as reações que tal substituição e tais argumentos tinham suscitado entre os especialistas da área das teorias da literatura.

Para tratar desse conjunto de problemas, optamos, de saída, por nos limitarmos, além de à necessária reanálise dos textos assinados pelos três autores, ao exame aprofundado da prolífica literatura comentarista produzida no mundo durante quatro décadas (de 1970 a 2010), pois tal literatura (mais de 300 obras e/ou artigos) constituía a nosso ver um objeto suficientemente dotado para compreender o que estava realmente em jogo nessa história. E esse retorno aos textos assinados pelos três autores, mas sobretudo a compilação, o escrutínio e a análise comparativa dos textos de comentários, se de início foram fonte de surpresas e de perplexidade, tornaram-se em seguida fonte de incredulidade, e logo de espanto que rapidamente se transformou numa real e profunda cólera. Sem retornar, evidentemente, ao conjunto dos fatos (sobretudo “fatos de escrita”) que denunciámos em nossa obra, sublinharemos quatro temas de espanto/cólera.

Primeiramente, a atitude mesma de Bakhtin, tal como foi reportada pelo conjunto de seus interlocutores dos anos 1960-1975: ele deu versões múltiplas e contraditórias acerca de seu hipotético papel na redação dos textos disputados. Ainda que, sem dúvida, tenha tido uma vida difícil e estivesse sofrendo, ele estava entretanto são de espírito no momento de eclosão do caso nos anos 1960, e um autor não pode ter dúvidas sobre o fato de ter escrito, ou não, tal obra ou tal artigo. Bakhtin, portanto, procedeu a uma tentativa de espoliação das obras de seus (ex-) amigos falecidos, combinada com um total silêncio sobre a contribuição intelectual deles.

Em seguida, a atitude de alguns biógrafos, particularmente a de Clark & Holquist (1984) e de seus seguidores, que consistiu em sujar deliberadamente Volochinov e Medvedev, tanto no plano intelectual quando no plano moral, sem o menor elemento de demonstração crível e com o único objetivo de justificar a reatribuição de seus textos a Bakhtin. Os fatos disponíveis atestam contudo o contrário, e que Volochinov era um pesquisador notável, e que Medvedev deu testemunho, em sua vida política e em sua obra maior, de um posicionamento ético particularmente corajoso que decerto contribuiu para sua execução sumária em 1938.

Mais adiante, o teor dos textos de glorificação da obra bakhtiniana, publicados no quadro da difusão e da extensão de sua obra: os de Ivanov (1973/1975) ou de Clark & Holquist (*op. cit.*) instaurando o autor como precursor genial do conjunto das correntes da linguística que emergiram no século XX (inclusive, portanto, das correntes frontalmente opostas), e o do *Principe dialogique* de Todorov, menos extravagante mas ainda assim atestando uma notável capacidade de tornar compatíveis posições epistemológicas até então consideradas antagonistas. E se nos espantamos com o teor desses textos, mais espantados ainda ficamos com os comentários elogiosos ou com os silêncios aprovadores que eles suscitaram.

Por fim, a credulidade, a complacência e/ou a cegueira voluntária de que deram prova tantos especialistas da área. Credulidade ao aceitar sem o menor cuidado de verificação as declarações relativas à onipaternidade bakhtiniana e ao aceitar, portanto, alegremente espoliar dois autores de suas obras e glorificar ao mesmo

tempo “a imensa modéstia” daquele que as tinha recuperado. Complacência na recepção dos textos de aviltamento das personalidades e das obras de Volochinov e de Medvedev (os de Clark & Holquist em particular), quando tais textos não passavam de boataria infundada. Cegueira na vontade de encontrar semelhança e continuidade entre, de um lado, os textos de juventude de Bakhtin e, do outro, a maioria dos textos posteriores assinados por ele e os de Volochinov ou Medvedev; cegueira ainda diante das evidentes retomadas mal parafraseadas, nos escritos tardios de Bakhtin, de temas desenvolvidas nos textos originais de Volochinov. Ao que ainda acrescentaremos, para alguns, essa forma de cumplicidade no empreendimento que consistiu em fabricar, peça por peça, “histórias” das relações que teriam existido entre os três personagens nos anos 1920, histórias que visavam todas conferir a Bakhtin a prestigiosa postura de mestre-de-obras.

Conforme ressaltou (e em geral nos recriminou) a maioria das críticas, nosso espanto e nossa cólera se traduziram diretamente no tom e no estilo de nossa obra, que por vezes abdicam das supostas normas do decoro científico. Mas se temos de reconhecer, evidentemente, alguns erros factuais ou de interpretação que nos foram assinalados, assumimos globalmente, em contrapartida, a tonalidade de nossa obra, recordando a esse respeito que, como observava Laurent Jenny em sua crítica, “a virulência do tom [...] não exclui a seriedade da análise” (2012, p. 200); voltaremos a isso em 3, abaixo.

Convém ainda acrescentar, em consideração a alguns críticos que não teriam lido (ou querido compreender) a segunda parte de nossa obra, que permanecemos admiradores do posicionamento epistemológico, das propostas teóricas e metodológicas, assim como da rede de conceitos analíticos que foram propostos nos escritos dos anos 1920 (os textos de Volochinov e de Medvedev e o *Dostoiévski* assinado por Bakhtin) e que foram retomados ou reformulados em alguns textos posteriores assinados por Bakhtin. Em nosso próprio encaminhamento, nós nos inspiramos amplamente nesses trabalhos e continuaremos a fazê-lo, reconhecendo sempre explicitamente nossa dívida para com eles; e as análises que fizeram nascer nossa obra nos conduzem a tematizar mais fortemente ainda a coerência interna dessa parte do *corpus* assim como sua evidente proximidade com a abordagem que Vygotski desenvolvia simultaneamente (cf. 1934/1997; 1999).

Mas essas mesmas análises e nosso posicionamento próprio nos levam a dissociar claramente esses textos de orientação interacionista social dos textos de juventude de Bakhtin e de algumas de suas tomadas de posição tardias (muito explícitas). Se criticamos rudemente as posições desenvolvidas nesses documentos, nem por isso contestamos sua legitimidade intrínseca, e desde logo estamos prontos a debater com aqueles que, como Frédéric François (2013), fazem deles uma leitura globalmente positiva. Mas contestamos firmemente, em contrapartida, os procedimentos de amálgama ou de unificação dessas duas orientações, porque implicam um posicionamento que, desdenhando as divergências epistemológicas, se situam de fato numa espécie de “além” da ordem científica e se inscreve, às vezes, desde logo, na ordem do religioso ou do sectário, imbebendo de uma aura quase mística os conceitos – aliás, fundamentais – de dialogismo, polifonia ou intertextualidade.

Tendo em vista a bipartição cuja necessidade acabamos de sublinhar, coloca-se então o problema do estatuto a atribuir a estes textos importantes assinados por Bakhtin que são sobretudo as duas versões do *Dostoiévski, Os gêneros do discurso* e *Do discurso romanesco*. Sobre este ponto desenvolvemos uma interpretação que continuamos a manter, porque é a mais plausível diante dos elementos que reunimos. Mas se não temos provas formais do que propomos, sustentamos firmemente que a questão do estatuto desses textos está necessariamente ligada à tentativa bakhtiniana de apropriação das obras de Volochinov e Medvedev, e que essa mesma questão não pode ser tratada sem se levar em consideração os comentários – extremamente negativos – que Bakhtin formulou no fim da vida a propósito da orientação sociointerativa desses escritos.

3. A propósito das críticas incendiárias, ou Makhlin (2013) tem razão duas vezes

Quatro das resenhas de nossa obra consistiram em severas condenações. A primeira (que é também o primeiro comentário ao nosso texto) é assinada por Marc Hersant e se publicou com o título *Bakhtine démantibulé* (“Bakhtin desmantelado”) no *Magazine Littéraire* de dezembro de 2011. O autor reconhece, sem dúvida, que alguns dos problemas que levantamos são dignos de interesse, mas considera que nossa maneira de tratá-los, sobretudo nossas afirmações “próximas da calúnia” acerca de Bakhtin, fazem com que “para um estudo sereno das contribuições respectivas de Bakhtin, Medvedev e Volochinov à história do pensamento e um reequilíbrio harmonioso de sua glória póstuma, será preciso ainda esperar um pouco”. Certo, então, esperemos; mas já que temos o tempo de fazer isso, perguntemos por que, quando uma boa centena de eminentes especialistas trataram dessas questões durante quatro décadas, esse sério estudo global jamais se realizou, e perguntemos também por que motivo o resultado de semelhante trabalho deveria, *a priori*, culminar num “equilíbrio harmonioso”.

As críticas de Yan Hamel (2012), de Iván Ivánovitch Ivanov (2013) e de Vitaly Makhlin (com Natalia Dolgorukova, 2012) são propriamente incendiárias. Hamel zomba do nosso trabalho, de seu tom e de seu estilo e qualifica nossa obra de “nova bíblia esmagadora de verdade monológica” (p. 275). Sob o título *Un imposteur nommé Bronckart* (“Um impostor chamado Bronckart”), Ivanov retoma uma parte dos argumentos desenvolvidos há décadas pelos que preconizam que o caso seja esquecido: a seu ver, pouco importam os autores, só conta o significado do que está escrito e, se tivermos compreendido o sentido profundo dos conceitos de dialogismo, intertextualidade etc., teremos apreendido toda a futilidade de nosso procedimento “policialesco”. Ivanov reconvoca assim essa hermenêutica especular permanentemente explorada no quadro do bakhtinismo, mas cujo estatuto e condições de possibilidade mereceriam de todo modo um mínimo de exame. Makhlin é igualmente severo num texto que retoma muitos dos argumentos repisados pelos partidários do *status quo* e que ignora deliberadamente as contribuições de Volochinov e de Medvedev porque o autor continua a sustentar, contra tudo e contra todos, a tese da onipaternidade bakhtiniana:

A simbiose criativa do marxismo e do formalismo, a ciência “materialista”, a utopia futurista e a “jovem poética russa” que se esboçou durante os anos pós-revolucionários (**simbiose que Bakhtin definiu em 1924 como uma “estética**

material”, e que logo analisou, divulgando este gênero “para os pobres”, nos “textos contestados” da segunda metade dos anos 1920 e pelo ângulo de um marxista que ele nunca foi nem jamais será) [...] (p. 409)

A língua particular dos anos 1920 na qual Bakhtin foi obrigado a escrever os “textos discutidos”. (p. 410)

Ainda que a persistência dessa crença possa somente confundir, parece-nos contudo que Makhlin tem duas vezes razão: primeiro ao afirmar, desde o título de seu artigo, que nosso procedimento e sua tonalidade advêm de um “ressentimento dos traídos” e, em seguida, ao considerar, de maneira bastante explícita, que esse mesmo procedimento tanto quanto os autores que somos, são ilustrativos da “estupidez” humana.

Quanto ao primeiro ponto, repetiremos que nosso livro é efetivamente um livro de cólera, pelas razões enunciadas mais acima, mas também porque temos o sentimento de termos sido profundamente enganados e, ainda, porque ficamos profissionalmente chocados diante da capacidade que alguns têm de modelar a História a seu bel-prazer (cf. os múltiplos “relatos” das condições de redação dos textos disputados) ou de se situar para além de toda real reflexão epistemológica, de maneira a poder elaborar uma abordagem estética que se torna, só por isso, genialmente nova. E quanto a isso se confirma o prognóstico pelo qual Lapacherie (2013) concluía sua resenha:

[...] este *Bakhtin desmascarado* pode ou vai provocar em numerosos leitores um verdadeiro mal-estar ou mesmo um vago sentimento de vergonha, pois essas mistificações analisadas revelam o estado desastroso em que soçobram os estudos das letras, onde tudo vale qualquer coisa e vice-versa.

Adotamos um estilo que não tínhamos praticado em nenhum de nossos outros escritos e se, em razão dessa inexperiência, tivemos decerto a mão pesada (demais) em alguns comentários, insistimos em considerar que isso é menos grave do que todas as leviandades às quais nos confrontamos. De modo mais geral, parece-nos que o uso de termos bem comportados e de fórmulas polidas não se adaptava de modo algum ao tratamento de uma situação do tipo da que nos foi dado analisar: um cientista tem também o direito de levantar a voz e, neste domínio como em outros, o excesso de engajamento nos parece menos condenável do que o excesso de complacência ou a cegueira voluntária.

Sim, como afirma Makhlin da introdução à conclusão de seu comentário, nós somos “estúpidos” e, a bem da verdade, mais estúpidos ainda do que ele decerto imagina. Temos antes de tudo a estupidez de levar em conta trabalhos de arquivos realizados sobretudo por Patrick Sériot (cf. 2010), Inna Tylkowski (2012) e os membros do *Bakhtin Center*, que levam a restituir a Volochinov a plena autoria dos textos que ele assinara e que evidenciam simultaneamente a inexistência de um “Círculo de Bakhtin” qualquer. Temos também a estupidez de crer na sinceridade/autenticidade de numerosos autores que, a exemplo de Jakubinski, Leontiev, Luria, Vinogradov, Vygotski e muitos outros, tentavam, na URSS pré-stalinista dos anos 1920, elaborar procedimentos científicos livremente inspirados no marxismo tal como o compreendiam (ou tinham acesso a ele). A esse respeito,

qualificar os escritos de Volochinov e de Medvedev de textos de “divulgação [...] para os pobres” é um insulto feito aos próprios textos, a seus autores... e a inúmeros de seus leitores, insulto que – no estilo polido que adotaremos doravante – nos deixará sem voz. Também a esse respeito, temos igualmente a estupidez de evitar os anacronismos, como aquele com base no qual alguns afirmam que tais textos e seus autores não eram em nada marxistas já que contestavam – o que é mesmo o caso – diversos aspectos de posições que se tornariam dogmas stalinistas ou que seriam eruditamente reformulados pelos teóricos do partido comunista francês! Temos ainda a estupidez de crer que um autor são de espírito sabe se escreveu – ou não – um livro trinta anos antes, mesmo que a situação da época fosse movimentada; e, é claro, que esse mesmo autor apresenta a interlocutores *a priori* dignos de fé múltiplas versões diferentes de seu eventual papel na redação de uma dezena de textos, temos a estupidez complementar de nos indagar sobre o que isso esconde. Enfim, temos a estupidez última de não aceitar um tipo de leitura da história e um tipo de análise dos textos pela simples razão de que emanam de sábios prestigiosos (de Holquist a Todorov) e foram avalizados pela maioria. Mas é claro que precisamos reconhecer que, desde a altitude e a extraterritorialidade epistemológica de onde se exprime Vitaly Makhlin, tais preocupações, surgidas no “baixo mundo” em que nos situamos, devem parecer bastante desprezíveis.

Totalmente centradas na demonstração e na estigmatização da futilidade de nosso procedimento, as resenhas de Hamel, Ivanov e Makhlin não abordam, é claro, nenhum dos problemas históricos e textológicos que tratamos, e embora Hersant reconheça a existência e a pertinência de alguns desses problemas, ele não especifica de modo algum de quais se trata.

Mas as outras críticas entram na matéria desses problemas e na análise que propusemos deles, às vezes de maneira muito rude, como é o caso, em graus variados, nas resenhas publicadas por Daniela Jakubaszko (2014), Francesca Mambelli (2013), Karine Zbinden (2013) e Serge Zenkine (2011). É às observações e às reprimendas formuladas nesses quatro textos que vamos reagir no que segue.

4. Respostas às críticas concretas

4.1 Do domínio da língua russa

Perhaps more alarmingly, they base their painstaking analyses of various Bakhtinian texts, not on the original Russian texts, but on the French and Italian translations, of which some at least are anything but accurate and reliable. Unfortunately, although a heavy volume, Bronckart and Bota’s book is not as weighty as one might at first expect. (Zbinden, 2013, p. 431)

[De modo talvez mais alarmante, eles baseiam suas meticulosas análises de vários textos bakhtinianos, não nos textos russos originais, mas em traduções francesas e italianas, das quais algumas, pelo menos, estão longe de ser exatas e confiáveis. Infelizmente, embora seja um volume pesado, o livro de Bronckart e Bota não é tão denso quanto se poderia esperar à primeira vista.]

Explorado, como mostra a citação acima, para desacreditar nossas análises, esse argumento é retomado por alguns outros críticos, entre os quais Zenkine, que afirma que nossa ignorância do russo “compromete a validade de sua crítica: imagine-se um helenista que pretenda resolver a questão homérica sem conhecer o grego!” (2011, p. 847). É verdade que não dominamos a língua russa, nunca fizemos mistério disso, mas em que tal situação poderia desacreditar o conjunto de nosso trabalho?

Primeiramente, observaremos que, entre os inúmeros textos de comentários da obra bakhtiniana que analisamos, mais da metade emana de pesquisadores que, embora não dominando em nada a língua russa, se julgaram aptos a propor profundas e positivíssimas análises dela. Tanto quanto sabemos, esse desconhecimento nunca lhes foi reprovado e sequer jamais foi evocado; parece, então, que é necessário dominar o russo para criticar Bakhtin, mas que essa competência em nada é exigida para celebrá-lo!

Observaremos em seguida que as traduções que utilizamos estão em circulação há anos, senão décadas, e, se excetuarmos as críticas que Todorov formulara à versão francesa inicial de *Marxismo*, não tivemos conhecimento de nenhuma contestação das citadas traduções. Estas agora são contestadas em alguns pontos, que devem evidentemente ser seriamente examinados (ver abaixo), mas convém sublinhar que as traduções que, segundo Zbinden, estariam “longe de ser exatas e confiáveis”, provêm de pesquisadores que em princípio dominavam o russo; o que mostra – paradoxalmente – que essa competência linguística que nos falta não impede de modo algum erros de interpretação. De modo mais geral e mais sério, todos os especialistas conhecem perfeitamente a grande dificuldade de uma tradução pertinente (inclusive em língua russa contemporânea) da língua russa dos anos 1920/1930.

Que tenhamos ou não um domínio direto ou pessoal do russo, a única questão que se coloca na realidade é saber se eventuais erros de tradução suscitarão erros de interpretação que conduzirão a uma substancial modificação de nossas constatações e de nossas hipóteses interpretativas. É claro que reconhecemos alguns erros de tradução confirmados pelos especialistas e agradecemos àquelas e àqueles que os assinalaram para nós; mas até agora nenhum desses erros é de natureza a provocar uma modificação das conclusões que tiramos de nosso estudo. A título de exemplo, Zenkine contesta, com razão, nossa (re-)tradução de uma passagem das entrevistas concedidas por Bakhtin a Duvakin (acerca do *Dostoiévski* original, traduzir “esse pequeno livro” em lugar de “esse livro dele”), mas esse erro de modo algum põe em causa o que estava em jogo na passagem, ou seja, a evidenciação das múltiplas reticências ou críticas dirigidas por Bakhtin àquela obra, tal como aparecem, aliás, na tradução (não contestada) das conversas que Bakhtin teve com Bocharov em 1970.

4.2 Dados relativos à autoria dos “textos disputados”

Zenkine nos repreende por “[não terem trazido] novos elementos ao dossiê” (2011, p. 846), constatação que é indiscutível, na medida em que o princípio de nosso trabalho era precisamente fazer o balanço do que tinha sido escrito sobre esse caso no último meio século: tentar compreender a gênese do problema dos

textos disputados; tentar, com isso, compreender a natureza e a estrutura do *corpus* qualificado de bakhtiniano; tentar, enfim, compreender a história e o processo de recepção deste *corpus* para além da Rússia. Nosso procedimento consistiu assim em reunir o máximo de dados existentes, em examiná-los e conferir-lhes um sentido; poderíamos, quanto a isso, devolver a Zenkine essa pergunta já formulada mais acima: por que, uma vez que os dados que tratamos estão disponíveis há tanto tempo, nenhum verdadeiro especialista jamais quis (ou pôde) empreender esse trabalho de síntese?

Zenkine, por outro lado, critica o fato de que não teríamos mencionado as fontes pelas quais os promotores de Bakhtin tinham sido informados da onipaternidade bakhtiniana, isto é, as declarações que teria feito Vinogradov a Ivanov e depois a Kozhinov, as que Chklovski teria feito a esse mesmo Kozhinov, ou ainda uma passagem das memórias de Olga Frejdenberg (redigida perto do final dos anos 1940) indicando que Volochinov, “este jovem elegante, esteta, [era] autor de um livro de linguística que fora escrito para ele por Bloxin” (cf. Sériot, 2010, p. 39). Não ignorávamos de forma alguma essas “fontes” tão frequentemente evocadas, mas se só mencionamos as supostas declarações de Chklovski (*Bakhtine démasqué*, p. 148), é efetivamente, conforme supõe Zenkine, porque temos seriíssimas dúvidas sobre o *status* dessas lembranças tão tardias quanto oportunas. E sustentamos a análise segundo a qual esse caso só foi montado no final dos anos 1960, porque o único elemento documentado que a contradiria é essa evocação, por Frejdenberg, do “elegante Volochinov” e do mencionado “Bloxin”. Mas quanto pesa essa estranha frase diante dos argumentos que desenvolvemos e que Zenkine se abstém de mencionar? Primeiramente, a partir da virada política de 1920-30, Medvedev e Volochinov foram confrontados a numerosos inimigos em razão do caráter “livre” de seu recurso ao marxismo, o que se traduziu em rudes ataques, como o de Borovkov em 1931 (“Volochinov [...] em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem* [...] dissimula seu idealismo sob uma fraseologia marxista”) ou o de Lomtev em 1932 (“as teorias burguesas de Volochinov obscurecem a essência real da linguagem como arma de classe” – cf. Sériot, *ibid.*, pp. 54-59). Como imaginar que, naquele contexto particularmente inquisidor, a fraude editorial de Volochinov – que os promotores de Bakhtin afirmam constituir então um “segredo de polichinelo” – não tenha sido conhecida e explorada por seus inimigos políticos? Em seguida, como explicar que, de 1930 ao final dos anos 1960, inclusive durante o colóquio realizado em Tartu em 1968, todos os comentadores de *Marxismo* tenham atribuído a obra a Volochinov, sem jamais fazer menção a Bakhtin? Enfim, por que Zenkine (como Ivanov ou Makhlin) não leva em conta os trabalhos de arquivo já evocados, que reconstruíram o percurso acadêmico de Volochinov e exumaram sobretudo alguns de seus manuscritos preparatórios à elaboração de *Marxismo*?

Zenkine também sustenta que, se Bakhtin decerto forneceu informações falsas sobre sua biografia, “sobre o fundo da questão dos ‘textos disputados’ ele nunca contradiz os fatos de que dispomos [...] nunca diz formalmente que *não escreveu* os textos problemáticos, nem que os escreveu *sozinho*, sem nenhuma participação dos outros” (2011, p. 849). Como alguém ousa, de novo e ainda, enunciar tamanhas contraverdades? Bakhtin declarou, sim, *não ter escrito* alguns textos problemáticos, principalmente em sua carta de 10 de janeiro de 1961 dirigida a Kozhinov e publicada em *Moskva*; após ter parecido reconhecer indiretamente que era o autor de *Marxismo* e do *Método formal*, lá ele escreve de fato: “no que tange

aos outros trabalhos de P. N. Medvedev e de V. N. Volochinov, eles se situam num outro plano, não refletem esta concepção comum e *eu não tive nenhuma participação em sua criação*". O que não o impediu de afirmar mais tarde, a Bocharov, que tinha escrito, sim, também os artigos assinados por Volochinov, entre os quais *O discurso na vida e o discurso na poesia* (cf. Bocharov, 1994, pp. 1013-1014). E nessas mesmas conversas com Bocharov, Bakhtin afirmou, contrariamente ao que sustenta Zenkine, que concebera e redigira os textos disputados *sozinho*, ou "do início ao fim" (*ibid.*). Enfim, lembremos ainda que em suas conversas com Duvakin, Bakhtin também declarou que Volochinov era o autor de *Marxismo*, acrescentando "este livro que alguns me atribuem agora". Essas contradições têm sido sublinhadas tão frequentemente que cabe perguntar como escaparam a Zenkine, mas talvez ele tenha da noção mesma de contradição uma definição que nos escapa.

4.3 Do "Círculo de Bakhtin"

A quem interessa a desmoralização de Bakhtin? A quais interesses serviriam a fragmentação de um "círculo" que continua produzindo ressonâncias? Por que os autores resistem à ideia de um círculo, prática muito comum na época? Por que Bakhtin não poderia ter sido o mais influente? Por que autores renomados e de prestígio internacional veem necessidade de destruir uma reputação? (Jakubaszko, 2014, p. 100)

Em sua crítica publicada na *Revista Espaço Acadêmico*, Jakubaszko que, contrariamente a Ivanov, Makhlin ou Zenkine, considera justo restituir a Volochinov e Medvedev a paternidade de suas obras, se indaga contudo sobre as motivações de nosso trabalho (trazendo à questão uma resposta ao menos indireta sobre a qual retornaremos no encerramento do presente artigo) e questiona mais precisamente, como demonstra a citação acima, as razões que nos conduzem a resistir à ideia de um Círculo do qual Bakhtin teria sido o autor mais influente. A resposta a essa última pergunta, no entanto, é simples: resistimos à "ideia" porque a análise do conjunto dos elementos hoje disponíveis nos levou, como a Sériot (op. cit.) e numerosos autores doravante, a constatar que tal Círculo jamais existiu: essa expressão foi fabricada na íntegra no final dos anos 1960 (*nunca* tinha sido usada antes), o próprio Bakhtin deixou entender claramente, em suas conversas com Duvakin, que tal Círculo não existia e, além disso, todos os trabalhos de arquivo, entre os quais os conduzidos no interior de um centro de pesquisas que traz o nome de Bakhtin (o *Bakhtin Center* de Sheffield), deixam muito claro hoje que, se Bakhtin sem dúvida mantinha relações com Medvedev e Volochinov, ele nunca foi seu líder, nem o líder de qualquer grupo que seja. A questão portanto não é saber "a quem interessa" a afirmação da não existência do Círculo; a questão é simplesmente saber se tal existência é verídica; e a resposta é clara e definitivamente *não*. Seria preciso deduzir do questionamento de Jakubaszko que, tão logo uma verdade corra o risco de "destruir uma reputação" ou de perturbar agradáveis "ressonâncias", convém calá-la?

4.4 Das diferenças entre os textos disputados e o *corpus* propriamente bakhtiniano

Segundo Jakubaszko e Zenkine, as orientações dos textos de Volochinov e de Medvedev, de um lado, e textos de juventude de Bakhtin, do outro, são globalmente

compatíveis ou, em todo caso, menos radicalmente divergentes do que declaramos. Para demonstrar isso, Zenkine volta inicialmente à nossa avaliação do teor de *Por uma filosofia do ato*:

[...] eles acreditam detectar “um monologismo radical” (p. 410) em contradição com o princípio dialógico do *Dostoiévski* e dos escritos de Volochinov. Não percebem que a noção de dialogismo, definida no *Dostoiévski* como a dominação de um discurso, é inaplicável às obras em que o problema da linguagem ainda não foi colocado, enquanto que a situação de diálogo ali é antecipada por uma análise da comunicação entre os homens – e não somente entre o homem e Deus – não se fundando na dominação, mas no amor. (Zenkine, 2011, p. 851)

Segundo Zenkine, portanto, a noção de dialogismo seria inaplicável aos textos nos quais o problema da linguagem ainda não foi colocado; afirmação que decerto a grande maioria dos especialistas contestaria, seja qual for sua posição sobre os problemas que nos ocupam. Mas para nos limitarmos a esse raciocínio, se o monologismo é inaplicável a esses textos, seu contrário com relação ao qual ele é definido – o dialogismo – deveria sê-lo tanto quanto. Zenkine no entanto o encontra ali, na esteira de muitos outros comentadores, sustentando que ali o dialogismo é “antecipado por uma análise da comunicação”. Nova contradição exigida pela vontade/necessidade de identificar uma continuidade entre os dois *corpora* de textos; e de maneira mais geral, afirmar que o dialogismo está antecipado em *Por uma filosofia do ato* equivale de fato a considerar que qualquer texto que evoque minimamente a comunicação “antecipa o dialogismo”.

O segundo argumento, incansavelmente reproduzido pelos adeptos da onipaternidade bakhtiniana, é que a orientação marxista dos textos disputados é superestimada; o que Zenkine nos reprova ao se apoiar para tanto na avaliação proposta por Sériot em seu *Prefácio* à reedição francesa de *Marxismo*. O marxismo de Volochinov seria “rudimentar”, “sem dialética, sem luta de classes nem revolução, sem ideias de práxis, de trabalho nem de ideologia” (Zenkine, 2011, p. 851).

Nos permitiremos inicialmente recordar a Sériot e a Zenkine que os trabalhos de Volochinov (como os de Medvedev ou de Vygotski) incidiam claramente sobre temas atinentes às disciplinas que são a filosofia (ou a psicologia) da linguagem, as ciências dos textos ou a poética, que não tinham de modo algum por objeto o marxismo no conjunto de suas dimensões, sobretudo econômicas e propriamente políticas; com que finalidade e por que razões esses autores deveriam ter apresentado o quadro marxista em sua globalidade e convocar necessariamente os conceitos de práxis, de luta de classes ou de revolução?

Dito isso, a afirmação de que as noções de classe, de ideologia ou de dialética estariam ausentes da obra de Volochinov só pode proceder de uma leitura pouco atenta de seus dois textos sobre o freudismo assim como de numerosas argumentações apresentadas em *Marxismo*. E para afirmar que Medvedev não inscrevia profundamente seu procedimento no marxismo, é preciso sequer ter aberto *O método formal*. Com a “estupidez” que nos caracteriza, e em desacordo neste ponto com nosso colega Patrick Sériot, nós nos apegamos ao fato de que esses dois autores declararam explicitamente inscrever seu procedimento numa perspectiva marxista (para Volochinov, cf. em particular *Para além do social*) e

observando que nada, em seus textos, respira a complacência ou a submissão, consideramos que eles efetuarão sua leitura própria dos temas marxianos e, portanto, não erigiram, como a maioria dos stalinistas, o marxismo em dogma, mas em fonte de reflexão e de trabalho.

Quanto à avaliação de que seu marxismo seria “rudimentar”, por que não, se considerarmos que o marxismo “elaborado” é o dos dogmas stalinistas e dos pensadores do partidos comunistas irmãos? Falando mais a sério, nos apoiaremos, nesta questão, na análise que dela propõe, numa de suas duas resenhas de nossa obra, o filósofo Lucien Sève, especialista incontestável do marxismo (cf. suas obras de 2004 e 2008):

As obras de Pavel Medvedev e Valentin Volochinov são muito características do marxismo soviético dos anos 1920, um marxismo juvenil, exploratório, inventivo, às vezes até com décadas de avanço sobre o movimento ulterior das ideias – e ao mesmo tempo marxismo radicalmente não livresco, fundamentalmente não stalinista. É tipicamente o caso do livro de Volochinov sobre *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Sève, 2012b, p. 47)

[...] em 1929, o jovem Volochinov começa uma exploração do território linguístico tanto mais ousada porque ele a empreende sem mapa; como diz desde a primeira linha seu prefácio, “no domínio da filosofia da linguagem, não existe no momento atual uma única análise marxista”. **E as questões que ele se encarregará de elucidar como pioneiro [...] são aquelas então novíssimas postuladas pelas relações dialéticas – não ver aqui a dialética seria espantoso** – entre signo e significação, língua e fala, discurso direto e indireto etc., e através dessas questões socio- e psicolinguísticas, as mais gerais das relações entre atividade psíquica, ideologia e base social, relações que se revelarão como pondo em jogo – sua menção é explícita – a luta de classes... Quando se tem alguma ideia do ponto quase zero em que se achava a pesquisa marxista no Ocidente, na França, por exemplo, em 1929, pode se calcular o exemplo pioneiro extraordinário de marxismo vivo que tal trabalho constitui. (*ibid.*, p. 49)

4.5 Uma desmistificação mistificadora?

Este é o subtítulo do parágrafo no qual, após ter procedido a um exame muito atento das análises propostas na primeira parte de nossa obra, Mambelli nos repreende por termos adotado, nas análises de texto da segunda parte, dois tipos de procedimento crítico:

Quando analisam os escritos de Bakhtin e comentam os textos de Volochinov e de Medvedev, os autores adotam duas atitudes críticas opostas. No primeiro caso, não fazem nenhum esforço interpretativo para esclarecer as passagens menos límpidas, banalizam a reflexão sobre a arte, a normatividade e a responsabilidade desenvolvida em *Para uma filosofia do ato, O autor e o herói e O problema do conteúdo*, vendo ali somente a expressão das convicções religiosas de quem os escreveu. [...] Quando analisam os textos de Volochinov e de Medvedev, J.-P. Bronckart e C. Bota adotam, em contrapartida, uma leitura não somente admiradora e benévola, mas também excessivamente indulgente. (Mambelli, 2013, p. 8)

Como indicamos em 1, JPB e sua equipe tinham analisado demoradamente *O autor e o herói* e *O problema do conteúdo* desde os anos 1980 e, no quadro da preparação de nossa obra, efetuamos um minucioso exame de *Para uma filosofia do ato* desde sua publicação. Portanto, não nos parece exato afirmar que não fizemos “nenhum esforço interpretativo” para iluminar os textos de juventude de Bakhtin e que procedemos a uma “banalização” das reflexões sobre a arte e a responsabilidade que são propostas ali. Talvez sejamos menos competentes do que outros diante dos temas abordados nesses textos, mas acreditamos ter evidenciado um conjunto de posições filosóficas, de orientações teóricas e de propriedades argumentativas que estão bem presentes ali; e se criticamos firmemente tais posições é precisamente porque não as “banalizamos” de forma alguma. Isso posto, se houver colegas que encontrem nesses escritos um real interesse e prolonguem o procedimento esboçado por Frédéric François em *Bakhtine tout nu* (2012), e se esse tipo de estudo vier a permitir, como evoca Mambelli, compreender as razões da permanência do “crédito concedido ao nome de Bakhtin”, ficaremos felizes em debater o assunto com eles.

Também não acreditamos ter feito uma leitura “excessivamente indulgente” das obras de Volochinov e de Medvedev. Acerca do segundo, nossas análises e apreciações, que são efetivamente muito positivas, não diferem no fundo das que emanam da quase totalidade dos verdadeiros estudos críticos. Quanto às propostas de Volochinov, a despeito das discussões às vezes ásperas que tivemos sobre o tema, Patrick Sériot e nós continuamos a divergir fundamentalmente na apreciação do estatuto e da qualidade delas. Essa divergência entretanto não se deve ao fato de que nós nos situaríamos no prolongamento dessas leituras “à francesa” dos textos russos que nosso colega denuncia há tanto tempo; em razão de nosso próprio enraizamento disciplinar, permanecemos à margem desse movimento interpretativo. Mas essa divergência tem a ver, em contrapartida, com o fato de que, sem nos preocuparmos demais em saber se Volochinov era mais vossleriano do que marxista, ou em saber se sua crítica de Saussure era justificada diante do que ele podia conhecer deste autor, nós nos interessamos pela pertinência, pela criatividade e pelo poder heurístico de sua abordagem do estatuto dos gêneros textuais e de sua metodologia de análise, bem como pelas potencialidades da rede de conceitos que ele definiu e organizou para dar conta de processos fundamentais de toda organização textual (polifonia, dialogismo, atitude responsiva ativa, temática etc.). Em seu *Prefácio*, Sériot realmente não aborda esses objetos, no entanto centrais da obra do autor, mas todos os pesquisadores que, como nós, se interessam pelas problemáticas de análise do discurso, reconhecem a dimensão fundadora (ousaríamos dizer “revolucionária”?) da concepção da genericidade e da textualidade que é desenvolvida nestes três textos essenciais que são *O discurso na vida e o discurso na poesia*, *Marxismo e filosofia da linguagem* e *O problema do enunciado*. E em sua obra *Volochinov en contexte*, Inna Tylkowski apresenta uma leitura aprofundada da obra deste autor que é bem menos negativa do que a proposta por seu colega Sériot.

Precisamos reconhecer, portanto, com toda a simplicidade, que temos uma real admiração pelas obras de Volochinov e Medvedev e muito pouca atração pelos três escritos de Bakhtin mencionados na citação de Mambelli; e podemos compreender desde logo que essas duas atitudes possam parecer desiguais aos olhos de comentadores que se esforcem por permanecer mais neutros que nós.

Mambelli, contudo, chega a considerar que nós teríamos procedido, para com Bakhtin, de uma maneira equivalente àquela que denunciemos nos bakhtinistas, ao restringir “consideravelmente a extensão do *corpus* bakhtiniano (a tal ponto que no fim Bakhtin não aparece como único e verdadeiro autor de nenhum de seus textos)”, ou ainda que teríamos omitido o tratamento da obra sobre Rabelais porque isso teria o risco “de comprometer [nossa] interpretação ou de restringir a validade de [nossas] teses”.

Precisamos recordar a Mambelli, de todo modo, que reconhecemos sem a menor reserva que Bakhtin é, sim, o autor de um primeiro *corpus* de textos de tonalidade semelhante, a saber, os três manuscritos dos anos 1920, *Para uma filosofia do ato*, *O autor e o herói* e *O problema do conteúdo*, assim como alguns textos tardios (forçosamente mais ou menos retocados por seus editores) entre os quais *O problema do texto*, *Os cadernos 1970-1971* e *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas*. Também reconhecemos que Bakhtin é o autor de um segundo *corpus*, de tonalidade e de proposta bastante diferentes, que se compõe do *Rabelais* (apesar dos problemas de plágio que podem se levantar aí) e dos textos associados a ele (sobretudo *Rabelais e Gogol* e *Formas do tempo e do cronotopo*), e em 5 voltaremos sobre as razões do não tratamento desse *corpus* rabelaisiano. Por outro lado, julgamos que o *Dostoiévski* inicial traz claramente a marca de Volochinov e que *Os gêneros do discurso* e *Do discurso romanesco* são amplamente construídos sobre empréstimos aos textos fundadores deste mesmo autor, e recordaremos a esse respeito que não tínhamos nenhuma hipótese dessa ordem quando pusemos em marcha nossa obra, e que foi o próprio Bakhtin que nos colocou nesta pista, por sua atitude de severa rejeição tanto diante do *Dostoiévski* prínceps quanto do *Marxismo*.

Deixamos então para Mambelli a inteira responsabilidade por essa suposta equivalência entre uma tarefa de despojamento das obras e de aviltamento das pessoas de Volochinov e de Medvedev, que tem se desdobrado há meio século com o apoio de múltiplos e prestigiosos autores e que continua a produzir seus efeitos hoje em dia na quase totalidade das bibliografias do domínio, e nossa tentativa – muito isolada – de compreensão das condições e razões desse processo, que sem dúvida culminou nas incômodas conclusões resumidas acima.

5. Críticas pertinentes e questões ainda abertas

Paradoxo do gênero a que pertence este escrito, pouco comentaremos os autores que saudaram nosso procedimento, como Laurent Jenny (*Critique*, 2012), Jean-Gérard Lapacherie (2013), Hélène Maurel-Indart (*Les Lettres Romanes*, 2012), Vincent Monnet (*Europe*, 2012), Lucien Sève (*Contre temps*, 2012) ou César de Vicente Hernando (*Marxismo Crítico*, 2013); eles não têm dúvida de que lhes somos profundamente gratos, e nós não duvidamos que eles compreenderão a discrição traduzida pela escolha de uma única citação representativa de suas avaliações:

Bajtín desenmascarado no es, contra lo que pueda parecer por el tono de los epígrafes, las expresiones que aparecen en muchas secciones y hasta el mismo título,

un libro desquiciado. Más bien es todo lo contrario: un libro rigurosamente compuesto, que propone con un razonamiento impecable, claro y profusamente documentado, una *vuelta a la historia*, estableciendo un marco contextual no sólo a partir de los datos contrastados sino de las lógicas discursivas que funcionan en toda construcción histórica; estableciendo por medio de la emergencia de las contradicciones (incluso entre textos de bajtinianos) y del contraste de las ideas y sus horizontes ideológicos un relato verídico de lo que significó realmente la obra de Bajtín, de Voloshinov y de Medvedev. (Vicente Hernando, 2013)

[*Bakhtin desmascarado* não é, contrariamente ao que possa parecer pelo tom das epígrafes, pelas expressões que aparecem em muitas seções e até no próprio título, um livro destemperado. Muito pelo contrário, é um livro rigorosamente composto, que propõe com um raciocínio impecável, claro e profusamente documentado, uma *volta à história*, estabelecendo um quadro contextual não só a partir dos dados contrastados, mas das lógicas discursivas que funcionam em toda construção histórica; estabelecendo, por meio da emergência das contradições (inclusive entre textos de bakhtinianos) e do contraste das ideias e seus horizontes ideológicos, um relato verídico do que realmente significou a obra de Bakhtin, de Voloshinov e de Medvedev.]

Por outro lado, alguns dos autores que tiveram um julgamento globalmente positivo formularam um conjunto de observações críticas que nos parecem justificadas e que por vezes (re)abriram questões interessantes, que vamos repercutir no que segue.

Sandra Nossik (2012), em vez de estigmatizar nossa ignorância da língua russa, lamenta que não tenhamos explicitado as dificuldades metodológicas que – efetivamente – encontramos na exploração das fontes secundárias que tínhamos a nossa disposição; quanto a isso, temos simplesmente de reconhecer que um comentário sobre esses problemas metodológicos teria sido efetivamente útil, muito embora fosse tornar ainda mais pesada uma obra já bastante pesada. David Kellog (2012), por sua parte, estima que, acerca da autoria dos textos disputados, nós não diferenciamos suficientemente as afirmações de Bakhtin das de seus promotores, o que é verdade, mas que se explica também pelo fato de que, com exceção da carta a Kozhinov de 1961, não dispomos de nenhuma tomada de posição direta de Bakhtin, mas somente de restituições de conversas que com ele tiveram diversos interlocutores, entre os quais particularmente seus próprios promotores.

Tal como Mambelli, Jenny (2012, p. 206) e Katia Vandenborre (2012) lamentam que o livro *A obra de François Rabelais* não tenha sido incluído em nossa análise, o que deixaria assim ao leitor, segundo Vandenborre, “um gosto de pouco demais”. Evidentemente, um tratamento aprofundado dessa parte do *corpus* deveria permitir fazer uma ideia mais completa do percurso de Bakhtin e do estatuto de sua obra. Mas não efetuamos esse trabalho por três razões principais. A primeira é que nosso questionamento de partida se vinculava à questão dos “textos disputados” e ao esclarecimento das relações que realmente existiram entre Bakhtin, Medvedev e Volochinov; e em razão do período de elaboração do *Rabelais* assim como das orientações teóricas e temáticas específicas que se desenvolveram ali, este texto parecia sem relação particular com o problema que tínhamos de

tratar. Com o avanço de nosso trabalho, no entanto, nós nos colocamos a questão dessa extensão, mas acabamos desistindo dela por dois outros motivos: por um lado, o mesmo texto fora objeto de múltiplas análises da parte de autores bem mais qualificados que nós; por outro, não pudemos encontrar quase nenhuma informação precisa sobre as condições de sua elaboração. Ainda a respeito deste *Rabelais*, admitiremos a crítica de Kellog de que fomos “rápidos demais em nossas afirmações de plágio”, pois nossa ênfase exagerada nos fatos demonstrados por Poole (1998) resulta decerto de uma espécie de efeito de retorno da rapidez com que a quase totalidade dos bakhtinistas sub-enfatizaram o significado desses empréstimos.

No tocante à questão das relações entre religião, literatura e Bakhtin, reconheceremos, como nos repreende Kellog ao menos implicitamente, que não fomos bastante precisos e prudentes em nossas tomadas de posição e que, principalmente, o uso do termo “*bondieusard*” (“carola, beato”) era inutilmente grosseiro. Embora não sejamos (ou não sejamos mais) praticantes, fomos educados em contextos familiares respectivamente católicos e ortodoxos, e JPB, aliás, fez sua formação inicial num “seminário” do qual conserva uma lembrança respeitosa. Nossas críticas, portanto, não incidem sobre a religião enquanto tal, mas sobre uma abordagem que postula explicitamente que a literatura (e as produções humanas em geral) só pode ser analisada sob um ângulo religioso ou a partir de princípios religiosos – no caso de Bakhtin, a partir de uma abordagem do religioso ideológica e culturalmente marcada de forma bem particular. Kellog nos objeta, porém, que jamais ficou completamente convencido de que Bakhtin tenha sido um “cristão praticante”, conforme atestaria o fato de não ter comparecido ao funeral religioso da mulher e que ele mesmo recusou a assistência de um pope na proximidade de sua morte. Tais fatos são indiscutíveis e há ainda outros testemunhos que mostram que Bakhtin não tinha estima pela maioria dos popes nem gosto particular pelas cerimônias religiosas. Mas como dizia um dos padres formadores de JPB acerca de um político de extrema direita que invocava constantemente a autoridade divina: “você sabe, essas pessoas certamente nunca vão à missa!”; em outros termos, o tipo de posicionamento religioso de Bakhtin, tal como se exprime na tese do “não-álibi no ser” e em outros temas do gênero, tem uma relação apenas longínqua (ou mesmo em frontal oposição) com os valores cristãos um tanto prosaicos que os ministros do culto têm de pregar, seja qual for sua confissão, e que os fiéis comuns devem pôr em prática.

6. Coda: por que este trabalho e esta obra?

Jakubaszko dá a esta pergunta uma resposta que, embora prudentemente indireta, é todavia claríssima, e nós lhe agradecemos por essa franqueza que nos permite responder às insinuações propagadas por alguns colegas brasileiros:

E quais seriam as verdadeiras razões desta tentativa de recontar a biografia de Bakhtin, desmoralizando-o abertamente? Será que a atitude destes autores pode nos ajudar a refletir sobre algumas práticas atuais de disputa de poder e manutenção de *status quo* no campo científico? Será que está em jogo uma disputa por “territórios acadêmicos”, pela desvalorização do capital científico das linhas concorrentes à dos autores? (2014, p. 101)

Quer dizer que teríamos realizado todo este trabalho (cinco anos de pesquisas intensas) para desvalorizar uma linha de pensamento que seria concorrente do movimento que nós animamos (sob o rótulo de *interacionismo sociodiscursivo*, doravante ISD)?

Antes de tudo, se, aos olhos das altas esferas de pensamento em que alguns se movem, reconhecemos em nós uma forma de “estupidez”, ela contudo tem limites, e conhecendo perfeitamente os modos de acreditação acadêmica assim como a sorte que tiveram os raros contestadores anteriores do bakhtinismo (Titunik e Matejka principalmente), sabíamos perfeitamente que nossa obra seria globalmente mal recebida e que com ela perderíamos amigos e apoios. Foi efetivamente o que se passou, e tal situação é analisada à perfeição por Maurel-Indart (2012) que, como alguns comentadores, saudou o enfrentamento do risco que constitui nosso procedimento e descreveu seus prováveis efeitos no campo das teorias da literatura:

As conclusões que se depreendem do *Bakhtin desmascarado* têm pesadas consequências e imaginamos a força de inércia que foi preciso combater para chegar a tal publicação. Imaginamos facilmente as críticas, talvez violentas, que a obra vai suscitar. O coro do “Bakhtin tudo!” está pronto para levantar armas, torcendo mais uma vez os fatos. É que é muito forte o que está em jogo ideologicamente [...] (2012, p. 692)

Em seguida, o movimento do ISD que animamos não se situa de modo algum em concorrência com as teses, propostas e conceitos surgidos dos textos maiores produzidos na Rússia nos anos 1920 nos campos da psicologia (Vygotski) e das ciências da linguagem (de Jakubinski a Volochinov); ao contrário, nós nos inscrevemos explicitamente na filiação dessas correntes, como atestam o percurso e as publicações recapituladas em 1. E o trabalho cujo resultado é esta obra nos conduziu a solidificar esse patrimônio, desembaraçando-o, ao mesmo tempo, é fato, de seus falsos amigos e das sombras pesadas do mistério e da mistificação.

Enfim, se é evidente que existem lutas e desafios no campo científico, como sublinhava Bourdieu (a quem Jakubaszko não hesita em apelar), é ridículo pensar que a crítica de um movimento supostamente concorrente baste para promover eficientemente seu próprio movimento: o ISD, como qualquer outra corrente contemporânea das ciências humanas, prosperará ou declinará em função da qualidade e da eficácia de suas próprias propostas, assim como do ânimo que lhe darão, ou não, os numerosos (jovens) pesquisadores que agora estão nela envolvidos.

Realizamos este trabalho e escrevemos este livro com o objetivo único de restabelecer um pouco de verdade num domínio em que a relação com esta verdade era, no mínimo, distensa, e diante da gravidade dos problemas com que nos confrontamos, só podíamos bater com força.

Isso dito, se outros tiverem a coragem de prosseguir e, assim fazendo, se chegarem a conclusões mais matizadas que as nossas, nós as leremos e comentaremos com seriedade e respeito.

BIBLIOGRAFIAS

Referências das resenhas críticas

- Babaeva, L. (2012). « Бахтин присвоил чужие лавры? » [« Bakhtin se apropriou dos louros de outrem? »] *Nasha Gazeta* [En ligne], le 10 janvier 2012, URL : <http://nashagazeta.ch/news/12797>.
- Dumitru, T. (2012). « Bahtin ... demascats ». *Cultura*, 31 (385), le 16 août 2012, URL : <http://revistacultura.ro/nou/2012/08/bahtin-demascats/>
- Ferrarezi, C. (2014). « De monumento a Escombro ». Artefato. URL : http://artefatocultural.com.br/portal/index.php?secao=colunistas_completa&subse
- Gomes do Valle, D. (2012). « Bakhtin Desmascarado. » *Via Litterae*, 4, 471-477. URL : <http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/>
- Hamel, Y. (2012). « Le bakhtinisme est un inhumanisme » *@analyses* [En ligne], 7 (2), 2012, URL : <http://www.revue-analyses.org/index.php?id=1937> [mis en ligne le 16.04.2012].
- Hersant, M. (2011). « Bakhtine démantibulé ». *Magazine Littéraire*, décembre 2011, 42. [URL : <http://www.magazine-litteraire.com/content/recherche/article?id=20651>]
- Ivanov, I.I. (2013). « Um impostor chamado Bronckart ». http://www.vigotski.net/ivanov_contra_bronckart.pdf.
- Jakubaszko, D. (2014). « O lugar e os sentidos do sensacionalismo na ciência ». *Revista Espaço Acadêmico*, 152, 99-102.
- Jenny, L. (2012). « De qui Bakhtine est-il le nom ? » *Critique*, 778, mars 2012, 196-207. [Url : <http://www.cairn.info/revue-critique-2012-3-page-196.htm>]
- Kellogg, D. (2012). « Bakhtin the Liar ». *Mind, Culture, and Activity*, 19 (4), 391-394. URL : <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10749039.2011.649937> [Mis en ligne le 26 septembre 2012]
- Lapacherie, J.-G. (2013). « Mikhaïl Bakhtine démasqué ». *Stalker*, 18 février 2013. URL : <http://www.juanasensio.com/archive/2013/02/13/mikhail-bakhtine-demasque-bronckart-bota-lapacherie.html>
- Makhlin, V.L. & Dolgorukova, N.M. (2013). « Le ressentiment des dupes ». *Enthymema*, IX, 407-411.
- Mambelli, F. (2013). « Bakhtine & sa critique : enjeux de paternité, enjeux d'autorité ». *Acta fabula*, vol. 14, n° 7, « Ce qui a fait signe & ce qui fait sens », Octobre 2013, URL : <http://www.fabula.org/revue/document8140.php>.
- Maurel-Indart, H. (2012). « Jean-Paul Bronckart & Cristian Bota, Bakhtine démasqué. Histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif ». *Les Lettres romanes*, 66 (3-4), 2012, 690-695.
- Monnet, V. (2011). « Bakhtine tombe le masque ». *Campus*, 106, décembre 2011, 6-7. [URL : <http://www.unige.ch/communication/Campus/campus106/recherche1.html>]
- Monnet, V. (2012). « Bakhtine démasqué ». *Europe*, 996, avril 2012, 367-369.
- Nossik, S. (2012). « Sur l'ouvrage de Jean-Paul Bronckart et Cristian Bota, 2011, Bakhtine démasqué, Histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif, Genève, Droz », *Semen* [En ligne], 33 | mis en ligne le 26 avril 2012. URL : <http://semen.revues.org/9537>.
- Sève, L. (2012a). « Le dossier à charge de l'affaire Bakhtine ». *L'Humanité*, le 25 juin 2012, URL : <http://www.humanite.fr/tribunes/le-dossier-charge-de-l%E2%80%99affaire-bakhtine-499444>.

- Sève, L. (2012b). « De l'affaire Bakhtine au cas Vygotski : Marx penseur de l'individualité humaine ». *ContreTemps*, 15, 45-57.
- Vandenborre, K. (2012). « Jean-Paul Bronckart & Cristian Bota, *Bakhtine démasqué. Histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif* ». *Slavica bruxellensia*, [En ligne], 8, 2012. URL : <http://slavica.revues.org/1098> [mis en ligne le 21.06.2012].
- Vicente Hernando, C. (de) (2013). « "Volver a la historia" : sobre el libro de Jean-Paul Bronckart y Cristian Bota, "Bajtín desenmascarado" ». *marxismocritico.org*, mis en ligne le 13.09.2013. URL : <http://marxismocritico.com/2013/09/13/volver-a-la-historia/>
- Zbinden, K. (2013). « *Bakhtine démasqué: Histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif* ». *Slavic Review*, 72 (2), 430-431.
- Zenkine, S. (2011). « Jean-Paul Bronckart, Cristian Bota, *Bakhtine démasqué* ». *Cahiers du monde russe* [En ligne], 52 (4), 845-853. URL : <http://monderusse.revues.org/7509> [mis en ligne le 19.04.2012].

Referências dos textos citados, assinados por Bakhtin, Medvedev e Volochinov

- Bakhtine, M.M. (1970). *La poétique de Dostoïevski*. Paris : Seuil [Edition originale en russe : 1963].
- Bakhtine M. [Voloshinov, V. N.] (1977). *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris : Minuit.
- Bakhtine, M.M. (1978). Le problème du contenu, du matériau et de la forme dans l'œuvre littéraire. In *Esthétique et théorie du roman* (pp. 21-82). Paris : Gallimard [Edition originale en russe : 1975].
- Bakhtine, M.M. (1978). Du discours romanesque. In *Esthétique et théorie du roman* (pp. 83-233). Paris : Gallimard [Edition originale en russe : 1975].
- Bakhtine, M.M. (1978). Formes du temps et du chronotope dans le roman. In *Esthétique et théorie du roman* (pp. 235-398). Paris : Gallimard [Edition originale en russe : 1975].
- Bakhtine, M.M. (1984). L'auteur et le héros. In *Esthétique de la création verbale* (pp. 25-210). Paris : Gallimard [Edition originale en russe : 1979].
- Bakhtine, M.M. (1984). Les genres du discours. In *Esthétique de la création verbale* (pp. 263-308). Paris : Gallimard [Edition originale en russe : 1979].
- Bakhtine, M.M. (1984). Le problème du texte. In *Esthétique de la création verbale* (pp. 309-338). Paris : Gallimard [Edition originale en russe : 1979].
- Bakhtine, M.M. (1984). Les carnets 1970-1971. In *Esthétique de la création verbale* (pp. 349-377). Paris : Gallimard [Edition originale en russe : 1979].
- Bakhtine, M.M. (1984). Remarques sur l'épistémologie des sciences humaines. In *Esthétique de la création verbale* (pp. 379-393). Paris : Gallimard [Edition originale en russe : 1979].
- Bakhtine, M.M. (2003). *Pour une philosophie de l'acte*. Lausanne : L'Age d'Homme [Edition originale en russe : 1986].
- Medvedev, P. (2008). *La méthode formelle en littérature*. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail [Edition originale en russe : 1928].
- Volochinov, V.N. (1980). *Au delà du social. Essai sur le freudisme*. In : M. Bakhtine, *Le freudisme* (pp. 32-77). Lausanne : l'Age d'Homme [Edition originale en russe : 1925].
- Volochinov, V.N. (1980). *Le freudisme*. Lausanne : l'Age d'Homme [Edition originale en russe : 1927].

- Volochinov, V.N. (1981). *Le discours dans la vie et le discours dans la poésie*. In : T. Todorov (Ed.), *Mikhaïl Bakhtine le principe dialogique* (pp. 181-215). Paris : Seuil [Edition originale en russe : 1926].
- Volochinov, V.N. (1981). *La structure de l'énoncé*. In : T. Todorov (Ed.), *Mikhaïl Bakhtine le principe dialogique* (pp. 287-316). Paris : Seuil [Edition originale en russe : 1930].
- Volochinov, V.N. (2010). *Marxisme et philosophie du langage*. Limoges : Lambert-Lucas [Edition originale en russe : 1929].

Outras referências

- Aucouturier, M. (1978). Préface. In M. Bakhtine, *Esthétique et théorie du roman* (pp. 9-19). Paris : Gallimard.
- Bocharov, S.G. (1994). Conversations with Bakhtin. *PMLA*, 109, 1009-1024 [Article original : 1993].
- Bota, C. & Bronckart, J.-P. (2008). Voloshinov et Bakhtine : deux approches radicalement opposées des genres de textes et de leur statut. *Linx*, 56, N° spécial « Les genres de texte », 67-83.
- Bronckart, J.-P. (1987). Interactions, discours, significations. *Langue française*, 74, 29-50.
- Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Paris : Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, J.-P, Bain, D., Schneuwly, B. Davaud, C. & Pasquier, A. (1985). *Le fonctionnement des discours. Un modèle psychologique et une méthode d'analyse*. Paris : Delachaux et Niestlé, 175 pp.
- Bronckart, J.-P. & Bota, C. (2011). *Bakhtine démasqué. Histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif*. Genève : Droz, 629 p.
- Bronckart, J.-P. & Friedrich, J. (1999). Prologue et Présentation. In L.S. Vygotsky, *La signification historique de la crise en psychologie* (pp. 7-69). Paris : Delachaux et Niestlé.
- Clark, K. & Holquist, M. (1984b). *Mikhail Bakhtin*. Cambridge, Mass. : Harvard University Press.
- François, F. (2012). *Bakhtine tout nu*. Limoges : Lambert-Lucas.
- Ivanov, V. V. (1975). The signifiante of M. M. Bakhtin's ideas on sign, utterance, and dialogue for modern semiotics. *Soviet Studies in literature*, 186-243. [Edition originale en langue russe : 1973].
- Poole, B. (1998). Bakhtin and Cassirer : The Philosophical Origin of Bakhtin's Carnival Messianism. *The South Atlantic Quarterly*, 97, 537-579.
- Schneuwly, B. & Bronckart, J.-P. (1983). Pour une psychologie du langage. *Archives de Psychologie*, 51, 155-160.
- Schneuwly, B. & Bronckart, J.-P. (Ed.) (1985). *Vygotsky aujourd'hui*. Paris : Delachaux et Niestlé, 237 pp.
- Sériot, P. (2010). Préface. Volochinov, la philosophie de l'enthymème et la double nature du signe. In V.N. Volochinov, *Marxisme et philosophie du langage* (pp. 13-109). Limoges : Lambert-Lucas.
- Sève, L. (2004). *Penser avec Marx aujourd'hui. Tome 1 : Marx et nous*. Paris : La Dispute.
- Sève, L. (2008). *Penser avec Marx aujourd'hui. Tome 2 : « L'homme » ?* Paris : La Dispute.
- Titunik, I. R. (1984). Bakhtin &/or Voloshinov &/or Medvedev : Dialogue &/or Doubletalk ? In : *Language and literary theory : in honor Ladislav Matejka* (pp. 535-564). Baltimore – London : John Hopkins University Press.

- Titunik, I. R. (1986). The Baxtin Problem : Concerning Katerina Clark and Michael Holquist's Mikhail Bakhtin. *The Slavic and East European Journal*, 30, 91-96.
- Todorov, T. (Ed.) (1981). *Mikhaïl Bakhtine le principe dialogique*. Paris : Seuil.
- Tylkowski, I. (2012). *Volochinov en contexte. Essai d'épistémologie historique*. Limoges : Lambert-Lucas.
- Vygotski, L. S. (1934/1997). *Pensée et langage*. Paris : La Dispute.
- Vygotski, L.S. (1999). *La signification historique de la crise en psychologie*. Paris : Delachaux et Niestlé.